

A FASE PIUMHY: SEU RECONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO E SUAS RELAÇÕES CULTURAIS

Ondemar Dias

Da Universidade Federal do Rio de Janeiro e
Instituto de Arqueologia Brasileira.

Eliane Carvalho

Do Instituto de Arqueologia Brasileira.

Durante a reunião da equipe participante do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) realizada no Museu Paraense Emilio Goeldi em 1968, em que foram analisados os resultados dos três anos iniciais da pesquisa e estabelecidas as normas para os dois últimos anos do Programa, ficou acertado que o autor passaria a trabalhar na região Sul do Estado de Minas Gerais, conduzindo as prospecções na bacia do rio Grande e dos seus afluentes, os rios Verde e Sapucaí, sobretudo na área represada por Furnas.

Este trabalho objetivava estabelecer os primeiros padrões comparativos para a área, na tentativa de ver formado um quadro da sua ocupação arqueológica, passível de

comparação com os dados levantados para o curso jusante do rio Grande, um dos formadores do rio Paraná, e portanto, integrante da bacia platina. O rio Paraná, pela soma de pesquisas anteriores, já se mostrava razoavelmente conhecido, do ponto de vista arqueológico, faltando no entanto, bases para o relacionamento com todo o Norte, por uma via que não aquela tradicional, litorânea.

Durante o IVº ano do PRONAPA prospeccionamos a região indicada e os seus resultados foram divulgados em Notas Prévias (Dias Junior: 1971) com o reconhecimento de diversas fases culturais. No Vº ano, porém, além de completarmos a pesquisa de certos trechos que permaneceram em aberto no ano anterior, como as áreas de Itapeva Ibiraci-Claraval, ambas nos limites com o Estado de São Paulo e ocupando a bacia superior dos rios Sapucaí e Mogi-Guaçu, estendemos o trabalho em direção Oeste, para as cabeceiras do rio São Francisco. Podemos observar no mapa (fig. 1) que os afluentes do alto curso do S. Francisco são contracabeçantes dos tributários da margem direita do rio Grande e que eles quase se tocam em algumas áreas. Notamos, igualmente, que o rio S. Francisco se constitui numa verdadeira espinha dorsal para o Estado de Minas Gerais, correndo no sentido Sul-Norte, em direção inversa à do rio Grande. Dessa forma, estas vias fluviais podem ter sido utilizadas como vias de penetração (como sabemos através dos registros históricos) ou mesmo de difusão de idéias e se estendem, além disso, da bacia platina ao Nordeste.

Dos primeiros contatos estabelecidos com o alto curso do S. Francisco, resultou a identificação de cinco sítios cerâmicos, cujo material apresenta diferenças significativas em relação ao da área vizinha. Da análise deste material reconhecemos a fase Piumhi, assunto deste trabalho, incluindo, nela, os dois sítios localizados em Itapeva. (DIAS JUNIOR: 1974).

Com o término do PRONAPA, em 1970, e tendo se caracterizado para nós, que estávamos frente a uma imensa e promissora região, resolvemos estabelecer um novo programa de pesquisa, com o fim específico de prospeccionar o vale mineiro do rio S. Francisco. Este vale, exceto a região do alto curso do seu afluente da margem direita, o rio das Velhas, jamais fora palco de pesquisas sistemáticas, constituindo-se num espaço em branco, entre áreas já regularmente pesquisadas, seja do rio Grande para o Sul, seja o seu próprio curso no Estado da Bahia (Calderón: 1967). Estabelecemos, assim, o PROPEVALE com a devida autorização do IPHAN, Programa este que se encontra em curso desde então.

Em 1971 iniciamos a segunda parte da pesquisa na área do alto S. Francisco, tendo por centro a cidade de Piumhi, onde já havíamos anteriormente localizado os sítios referidos. Dentre estes se destacava o MG-SF-5, Buracão dos Bichos imensa caverna calcárea, escondida em um canhão do pequeno tributário da margem direita do S. Francisco e que, diferentemente da maioria dos sítios, jamais fora perturbado, seja pelos "caçadores de tesouro", seja pelos "pesquisadores domingueiros". Um raro solo intato nos aguardava.

A escavação deste sítio, segundo a metodologia adotada pelo PRONAPA e divulgada por Clifford Evans e Betty Meggers, (1965) tinha por meta fornecer as bases para a cronologia da ocupação e conseqüente ordenação dos gráficos das seqüências culturais. Assim, após uma idéia geral das características culturais da região, partimos para um aprofundamento dos nossos conhecimentos, através da escavação de um sí-

tio selecionado e encaixado no contexto. Partimos, pois, do geral para o especial do extensivo para o intensivo.

Paralelamente à escavação, no entanto, prosseguimos com a prospecção, localizando mais sete sítios nas vizinhanças.

Com os quatorze sítios resultantes, mais os dados oriundos da escavação, estabelecemos as bases para o reconhecimento definitivo da fase Piumhi e das suas relações.

Nos anos subseqüentes, até 1974, mais um total de quinze sítios da mesma fase foram localizados por nós, sem que se alterasse os dados obtidos, exceto o fato de que estamos alongando, no espaço, a área de ocupação desta fase. Atualmente podemos delimitá-la em dois setores principais:

1.º Alto S. Francisco — na região calcárea da "série Bambuí" situada nos territórios dos municípios de Piumhi, Pimenta Bambuí, Pains, Arcos e Doresópolis. Esta área está limitada pela bacia do rio Grande, onde predomina a Tradição Sapucaí; a Oeste pela bacia do Araguaí, onde surgem sítios de outra fase e, ao Norte, até o momento se limita pela região de Arcos. Os trabalhos ainda prosseguirão nos anos vindouros, objetivando determinar a extensão da fase nesta direção.

2.º Alto Mogi-Guaçu — na área limítrofe com o Estado de São Paulo, sobretudo no município mineiro de Itapeva foram localizados os primeiros sítios da fase, cercados em todo o território pelos sítios da Tradição Sapucaí. É provável que esta fase se prolonge pelo Estado de São Paulo, onde a cerâmica (Extremo-Norte) descoberta pelo Prof. Anthero Pereira (1957) guarda muitas semelhanças.

Entre estes dois setores, em direção aproximada Leste-Oeste, existe um espaço aproximado de 200 km, parcialmente sem ocupação determinada (ao redor da cidade de Machado) e em grande parte ocupada pelas fases determinadas por nós durante o PRONAPA. A Nordeste aparecem, ainda, sítios da Tradição Tupiguaraní, da fase Belvedere, (Dias Jr.; Chuiche; Carvalho: 1975).

O meio ambiente

A cada dia que passa, maiores atenções são dispensadas pelos pesquisadores do passado, arqueólogos sobretudo, às interações entre o homem e o meio ambiente. Este interesse foi acentuado, nos últimos anos, pela crescente ação do homem sobre o meio, ação esta que está ultrapassando os limites do equilíbrio ecológico. A "poluição", como genericamente denominamos a todas estas transformações drásticas, se não controlado, poderá mesmo colocar em risco a própria existência do homem sobre a terra.

Nossa espécie não é estranha ao meio; pelo contrário; é parte integrante dêle. A procura de fórmulas capazes de reequilibrar o processo, a partir de abordagens atuais do problema, tem favorecido aos que intentam reconstituir as antigas relações ecológicas, sobretudo em virtude do esclarecimento de diversos pontos obscuros do processo adaptativo. Em situação inversa, essas tentativas de reconstituição do passado tem auxiliado, em certos casos, os trabalhos daqueles que buscam as diretrizes para a solução do problema atual. E não é por mero acaso que obras sobre Ecologia, como

aquela dirigida por Boughey (1971) dediquem parte dos seus capítulos a autores vinculados à pesquisa antropológica. No nosso caso específico pouco podemos fazer, pelas dificuldades ainda existentes para esta abordagem. Tem sido uma constante, no entanto, o cuidado dos autores e pesquisadores em registrar as características do meio ambiente da região em estudo e nós manteremos a regra. São subsídios de importância para o presente processo interpretativo, e se constituem em reserva de informações, quiçá melhor aproveitáveis no futuro.

É possível que os dados levantados atualmente pela pesquisa arqueológica, complementados pelas datações obtidas pelos métodos atuais e pelas análises dos técnicos correlatos desde o malacólogo, ao botânico, possam formar gradativamente os quadros de reconstituição dos paleo-sistemas ecológicos para certas áreas do nosso país.

A região em que se localizam os sítios da fase Plumhi está enquadrada na grande Área Sudeste do Brasil, no Estado de Minas Gerais. Grande parte desses sítios se encontram em campos suavemente ondulados, com a cobertura vegetal típica do cerrado. Este relevo regularmente uniforme é cortado pelos afloramentos de algumas montanhas cristalinas, mas, sobretudo, pelos pilares tectônicos (relevo karstico) do calcáreo da "série Bambuí".

A altitude média é de 800m em relação ao nível do mar.

A vegetação predominante é a "lixreira" (*Curatella americana*), a "fruta do lobo" (*solanum* sp.), o "pequi" (*Caryocar brasiliensis*), o "marolo" etc... O clima predominante é o Cwb, (mesotérmico de Köppen) com estação chuvosa de verão e precipitação média anual de 1500 mm (Rizzini & Pinto, 1964: 37).

É nesta área que o rio S. Francisco corre em "canhões", cavados no calcáreo, o que torna as cavernas abundantes.

A ocorrência menor de sítios da fase, junto à fronteira com o Estado de São Paulo, tem características diversas. Seu relevo está enquadrado no "Planalto do Sul de Minas", com altitudes superiores a 1.000 metros e serras que atingem ainda mais 500 metros, em média.

O clima, desta segunda área, é mesotérmico como o da anterior, com verões brandos e chuvosos e uma estação seca mediana, regular, ecológica em geral (Rizzini & Pinto).

A vegetação varia entre a Floresta Latifoliada Tropical e o cerrado. No primeiro caso ainda encontramos exemplares de "cedro" (*Cedrela* sp.), "peroba" (*Nectandra* sp.), "jatobá" (*Hymenaea* sp.), "jequitiba" (*Cariniana* sp.) e outras. Em certos trechos, sobretudo nos mais altos, ocorrem remanescentes de floresta de clima mais frio, onde se encontram "pinheiros do Paraná", o que é possivelmente a testemunha de uma época mais temperada (Brasil: 1960).

Estas áreas são, na atualidade, predominantemente agropecuária, com grandes plantações de café, soja e abacaxi para exportação e domínio do gado bovino. A caça, muito arreada, ainda pode ser encontrada, sobretudo aves.

Tipologia e Adaptação dos Sítios.

Conforme já mencionamos, foram localizados quatorze sítios arqueológicos, dois

deles na região de Itapeva e os demais no alto S. Francisco, com os quais diagnosticamos a fase Piumhi.

Vamos considerá-los, para fins descritivos, em dois grupos. O primeiro compreende os sítios abertos, no segundo englobamos os sítios cobertos, as cavernas calcáreas.

Sítios abertos: características gerais.

Oito foram os sítios do tipo. A maioria se localiza em terrenos de ondulações suaves, em meia-encostas ou partes altas das mesmas, sem que observássemos preferência por alguma orientação especial. A maioria está em cotas entre os 50 e os 70 metros, mas encontramos alguns em cotas mais baixas de até 30 m. A área de dispersão do material varia em torno dos 10.000m² (100x100m). A água está geralmente perto, cerca de 20m, mas há casos de distância bem superiores. O sólo é predominantemente argiloso, duro.

Em um único caso notamos algumas evidências de macro-estruturas, constituídas por depressões no sólo, esparsas, pequenas (cerca de 2x2m) e uma única maior (4x4m), com terra de coloração mais escura. Não pudemos efetuar nenhum trabalho especial nesta localização em virtude de ter sido o sítio revolvido, mais de uma vez, pelo arado.

Características particulares: resumo.

Região de Itapeva:

MG-MU-4- Sítio em meia encosta, terreno argiloso, trabalhado diversas vezes e "tombado" pelo arado. Plantações atuais. Alguns pinheiros. Cota 50/70m. Água a 200m, no vale. Depressões esparsas no sólo. Cerâmica e lítico. Área de ocorrência: 200x100m.

MG-MU-5 — Sítio em meia encosta, cota 40/50m, terreno argiloso. Encontradas urnas, no passado. Água no vale a 200m. Grande parte do sítio destruído por construção.

Região do Alto S. Francisco:

MG-SF1 — Sítio em elevação suave, de cota 60m. Terreno areno-argiloso, com seixos rolados e calcáreo. Área plantada e em cerrado. Água a 100m do vale. Cerâmica e lítico. Material ocorrendo em área de 200x200m.

MG-SF-2 — Sítio em morro suave de cota 50m. Pequena depressão, natural, no alto. Solo compacto, areno-argiloso. Arado diversas vezes. Ocorrência dispersa em cerca de 250x300m. Água na base do morro.

MG-SF-4 — Sítio em alto de colina suave, com cota de 60m. Terreno argiloso, com calcáreo. Ocorrência de 100x50m cobrindo duas vertentes, Água na base da colina.

MG-SF-8 — Sítio sobre duas elevações de cota 50/60m com solo argiloso. Córrego no vale, a 100m. Dispersão de material em cerca de 500x500m.

MG-SG-9 — Sítio em elevação suave de cota 30m. Solo areno-argiloso. Material esparsos em 100x50m. Riacho do Cipó a 800m.

MG-SF-11 — Sítio em elevação suave de cota 30m. Terreno arado. Ocorrência de material em área de 50x50m e em pequena gruta de calcáreo com 5m de boca. Solo areno-argiloso Água a 1.500m (rio S. Francisco).

Sítio cobertos: Características gerais.

Seis cavernas calcáreas com material cerâmico e lítico, além de poucos ossos. Destas cavernas, pelo bom estado de conservação em que se encontrava, selecionamos uma para escavação. Duas outras ainda apresentam condições para um trabalho sistemático. As demais estão quase que inteiramente reviradas e remexidas.

Quatro destas estão perfeitamente secas, mesmo naquela em que um curso d'água passa por canais subterrâneos (MG-SF-6); duas outras são úmidas. O material ocorre geralmente nas áreas iluminadas, esparsos pelo sólo que é fino, cinzento e friável, com áreas avermelhadas. As maiores tem dimensões superiores a 100m de profundidade, com salões de 30 a 40 m² alguns altos e largos, muitos estreitos e poucos baixos.

Também as cavernas estão, em sua maioria, em elevações suaves e integrantes dos paredões calcáreos e dos pilares tectônicos. Observamos que as cavernas situadas em áreas baixas, de drenagem, quase sempre foram evitadas pelos antigos grupos, porque na época das chuvas geralmente se inundam ou permanecem úmidas por longo tempo. A preferência voltou-se àquelas situadas em nível superior ao terreno circundante e protegidas por ressaltos de alguma espécie. A região é muito rica em cavernas e abrigos, contando-se às centenas a ocorrência, o que facilitaria a seleção.

Um detalhe de importância e evidenciado pelos cortes abertos é que os sinais de ocupação se limitam a uma profundidade média de 40cm.

Características particulares — resumo.

MG-SF-3 — Caverna calcárea — salão de 20x5m. Situa-se em vale florestado, com riacho na calha. Cacos no chão e em prateleiras naturais. Sólo friável, cinzento, muito fino. Salão pouco iluminado, mais galerias e salões baixos, sem sinais de ocupação. A cerâmica está restrita ao salão principal. Água a 20m de distância e a 3m abaixo do nível da boca.

MG-SF-5 — Descrição na escavação.

MG-SF-6 — Caverna calcárea, com diversos salões, alguns iluminados. Passa por todo um pilar tectônico e atinge cerca de 100m de extensão. Sólo friável, cinzento, muito fino e profundo. Encontramos uma escavação pequena, feita por pesquisador desconhecido, que abandonou o material retirado, ao lado do corte. O material é abundante e se encontra disperso, sobretudo na área iluminada. Muitos blocos das paredes e dos tetos no chão. Sob a caverna passa um córrego.

MG-SF-7 — Caverna calcárea, pequena, com um único salão iluminado (área de 30m²). Cerâmica e lítico restrito a este. Sólo úmido. Córrego a 30m da boca.

MG-SF-10 — Duas grutas sobrepostas:

- a) boca de 3x20m — 20m de profundidade — seca;

b) boca de 4x2m — 100m de profundidade — úmida, com poço no final da formação. Esta é a inferior e tem menos material. Além do poço da caverna, água no riacho Taborda a 70 metros da boca.

MG-SF-12 — Caverna calcárea com 20 metros de profundidade. Salão claro e úmido, baixo; salão alto e escuro, mas seco. Cerâmica em ambos. Água a 30m. Rio São Francisco.

A escavação

O sítio selecionado para a escavação, pelas suas características próprias e pelo fato de não ter sido, até então, mutilado por predadores, foi o "Buracão dos Bichos", caverna calcárea que recebeu a sigla MG-SF-5. Está situado na margem esquerda do córrego Grande, na fazenda Limeira, da família Rodrigues de Castro. Este córrego cavou seu leito em terrenos calcáreos, formando um canhão de cerca de 30m de altura, fechado numa das extremidades, por onde o córrego penetra (um "sumidouro") indo aparecer centenas de metros depois, já no próprio curso do rio S. Francisco.

A caverna onde se localiza o sítio está a aproximadamente 8m de altura sobre o córrego e, ao que tudo indica, foi outrora cavada por ele, servindo, a seu tempo, de escoadouro. Hoje apresenta grandes porções soterradas, mas ainda penetra, profundamente pelo terreno, atingindo níveis mais baixos do que o do leito do rio atual.

Hoje não se observa mais infiltrações na caverna, que não apresenta formações recentes de estalactites. Seu interior é perfeitamente seco e a sua superfície é recoberta por uma camada de pó de grãos muito finos, oriundos de decomposição do calcáreo. O material cerâmico superficial era abundantíssimo, cobrindo a maior parte do solo.

A caverna tem duas aberturas, separadas por grande coluna, voltadas para a mesma direção e orientadas para Leste. A principal tem 19m de extensão e a secundária 8 metros.

Entre o nível do córrego e o interior da caverna há um ressalto que atinge seu ponto mais alto justamente na altura da boca da cavidade (ver levantamento topográfico). Dêste ponto até a linha de cobertura, a altura é de cerca de 4m, mas esta mesma altura, no interior é superior a 10m. A caverna aparenta, pois, penetrar em declive no sólo. Esta disposição, segundo o espeleólogo da equipe do Instituto de Arqueologia Brasileira, que participou dos trabalhos, Dr. Francisco Pavia, é muito importante, pois facilita a penetração dos raios solares, além de manter a caverna seca e expulsar a fumaça e as correntes quentes. A disposição dos estratos calcáreos impermeáveis, responsáveis por esta conformação, inclinados, para o interior, predispõe a caverna para esta organização e é a responsável pelo estado seco, não facilitando a formação de estalactites e estalagmites pela filtragem da água, que é conduzida para a parte mais profunda da caverna, pelos citados veios inclinados.

Esta caverna apresenta um micro-clima estável e é de se supor que a sua temperatura média anual seja sempre mais agradável do que a do exterior, além da sensação geral de bem estar que transmite, pelo interior seco e ventilado. Na época em que procedemos a escavação, janeiro, a iluminação começava a declinar a partir das 16 horas e a temperatura chegou a ser inferior cerca de 15°C em relação ao exterior.

Ela tem cerca de 40 metros de profundidade e igual largura, mesmo sem se levar em consideração as partes entulhadas e escuras. Tem sete salões bem ou parcialmente iluminados e cinco salões escuros. Estão distribuídos em três níveis diferentes e em todos eles são evidentes os sinais de ocupação.

O primeiro problema a ser resolvido foi o do estabelecimento de uma via de acesso utilizável para o sítio. Por estar num paredão calcáreo (formador do canhão do córrego Grande) tornou-se necessário fixar cordas e abrir caminho junto ao despenhadeiro. Conseguimos encontrar uma falha na rocha, descendo em zig-zag rente ao paredão, com setores de até 1m de largura e outros reduzidos a alguns centímetros. Nos lances mais difíceis fixamos, além das cordas, escoras de madeira. Pareceu-nos o caminho arqueológico de acesso, embora não tenhamos nenhuma prova de apoio para esta hipótese. Não fosse ele e teria sido muito difícil a retirada do material.

Dividimos toda a caverna em setores alfabetizados de acordo com os salões naturais, praticando, de início uma coleta superficial indiscriminada. Exetamos o levantamento topográfico do sítio estabelecendo três cortes transversais e um longitudinal.

Como a verba disponível não era de grande envergadura e procurávamos retirar a maior soma de informações sobre a ocupação do sítio, optamos por uma abordagem ampla, isto é, não nos concentramos numa única porção e sim estendemos a escavação no sentido de atingir áreas diferentes do mesmo, o que se mostra altamente satisfatório, conforme veremos na interpretação dos dados.

A escavação principal se concentrou no salão maior e mais iluminado. Abrimos um corte alongado, de 3m x 1m, em em sentido transversal à boca da caverna (trincheira) e mais três cortes em porções diferentes do sítio. Um deles foi aberto próximo à boca secundária, um outro num salão do nível superior e o terceiro num dos salões próximos à entrada, em nível inferior. Além disso resolvemos efetuar uma operação geral de salvamento, recolhendo todo material que ocorria ao longo do perímetro interno da caverna (o provável lixo arqueológico), escavando o nível superior, ou mais superficial do mesmo.

A trincheira principal foi dividida em três setores, aprofundando-se o terceiro, mais próximo da boca, até o piso natural, que surgiu com 35 cm de profundidade. O central foi escavado somente até este nível e o primeiro até os 110 cm de profundidade. Não conseguimos, aqui, atingir o piso natural, porém aprofundamos 40 cm em sólo estéril (dos 70 aos 110 cm).

Dos cortes estratigráficos, o primeiro (CE-45) atingiu a base com 20 cm; o segundo (CE-46) atingiu-a aos 40cm e e o terceiro (CE-47) foi aprofundado igualmente até os 110cm de profundidade, não tendo sido mais encontrados restos culturais a partir do nível 60/70cm.

Utilizamos a técnica de escavar por níveis artificiais, de 10 em 10 centímetros. As camadas naturais, porém, foram sempre anotadas. Recolhemos todo o material da escavação, e separamos um setor da trincheiras para a coleta de amostras do solo para análise de pólem. O carvão foi recolhido para a obtenção de datações pelo método de C-14.

Dados da trincheira

A composição natural mostrou-se, pouco complexa. Uma camada superficial,

com cerca de 10cm de espessura, constituída de poeira muito fina, cinzenta; sob esta, uma camada compacta de argila, lembrando um piso, com pedras (calcáreo) pequenas misturadas até a média dos 35cm de profundidade. Daí, até os 70cm, uma terceira camada, igualmente de argila avermelhada, com manchas de terra negra e cinzas. Abaixo dela a argila tornava-se mais friável, vermelha, com uma grande quantidade de pedras em toda a profundidade escavada. Esta camada é esteril.

As evidências culturais foram as seguintes: Uma concentração, maior de cerâmica em todos os níveis superiores, até os 35cm e rareando daí até o nível dos 70cm. Uma fogueira em cova surgiu no nível dos 25cm e se estendeu até o nível dos 55cm estando, logicamente, vinculada à ocupação do nível mais alto. O interessante é que recolhemos alguns líticos nesta fogueira, além de muito carvão.

Dados dos Cortes Estratigráficos.

O Corte que se mostrou mais pobre foi o de número 45. Foi aberto no salão "F" junto à boca secundária, em área de pouca luminosidade. Mostrou composição simples. Em toda a sua profundidade, de 20cm, somente registramos a camada cinzenta de poeira, muito fina. Na maior parte do corte, a profundidade não ultrapassou os 12 cm, ficando os 20cm citados restrito à pequena porção do mesmo. O solo calcáreo, liso, forma a base. Único material cultural ocorrente foi a cerâmica. Dimensões de 1mx1m.

O Corte 46, foi aberto no salão que convencionamos, denominar "G", em nível superior aos outros cortes. Estabelecemo-lo junto a uma verdadeira rampa natural, tão utilizada no passado, que o calcáreo do piso se mostra brilhante e polido. Sua composição estratigráfica é a seguinte:

A camada de poeira fina, comum, tem em média 8cm de profundidade. Sob ela uma camada muito dura, compacta, onde registramos, paradoxalmente, buracos (pequenas estacas?) em semi-círculo, de dimensões variadas, que atingem a base (aos 40cm). Os diâmetros destes buracos são de 10, 4, 5 e 2cm. Esta camada é argilosa, normalmente avermelhada, com setores acinzentados, com coquinhos calcinados e carvão.

Seus restos culturais foram de cerâmica, até os 30cm e carvão em toda a profundidade. Recolhemos, ainda, ossos e pontas trabalhadas deste material. Dimensões de 1,40 x 1,15m.

O terceiro Corte, de número 47, foi aberto no salão "H", distante cerca de 8m da trincheira. Foi bastante proveitoso do ponto de vista do material. Sua composição natural é igualmente simples. Uma camada superficial de terra arenosa, acinzentada com cerca de 15cm de espessura e sob ela uma espessa camada areno-argilosa, friável, gradativamente mais avermelhada à medida que se aprofunda.

Recolhemos cerâmicas, rodela de fuso e uma mão de pilão de pedra, fincada verticalmente do nível 15 ao nível 40cm (de profundidade). O material restringiu-se aos 70cm superiores. Os 40cm escavados sob este nível não demonstraram sinais de ocupação. O corte mediu 2x2m.

Recolhemos, ainda, farta quantidade de ossos de animais nos níveis superiores. Este material foi entregue a técnico do Museu Nacional do Rio de Janeiro para identificação. Ossos humanos em ínfima escala foram encontrados associados e estão sendo

analisados, sem que possamos esperar resultados satisfatórios pelo estado fragmentário em que se encontram. Também uma casca de árvore com perfurações feitas a fogo (com a média de 1cm de diâmetro) foi recolhida.

Uma pequena passagem, em declive acentuado, conduzindo a um salão em nível inferior, foi igualmente descoberta e explorada. Únicas peças de interesse aí encontradas foram duas bolotas de calcáreo que se assemelham à pequenos frutos, localmente chamados "araticum".

Todo o material recolhido nas escavações foi embalado e empacotado segundo a procedência. O material resultante da escavação, após o peneiramento, foi colocado em área fora do sítio.

Análise do Material

O material predominante na fase Piumhi e que serviu de base para a sua caracterização é a cerâmica. Sua análise, em linhas gerais, seguiu as normas expostas por Sheppard (1963), para um trabalho tecnicamente conduzido. A manipulação desse material baseou-se na metodologia adotada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, procedimento este cujos fundamentos teóricos foram propostos, sobretudo, por Meggers & Evans (1970) numa evolução dos princípios expostos por Matson (1960) e Ford (1962).

A determinação dos tipos na arqueologia é um elemento fundamental da análise, como se pode ver em Kriger (1944) ou em Ford (1954). No caso da cerâmica, em especial constitui-se em fator básico, pois é através dos tipos diagnosticados que se pode quantificar o material analisado, não em suas múltiplas variações individuais e sim pelos "grupos de manifestações que possuem certas similaridades específicas" como ensina Taylor (1967:114). E é através do estabelecimento da variação de profundidade de cada um dos tipos, expressa em dados estatísticos que organizamos as sequências culturais.

A tipologia, que pode ser sinteticamente definida como "a classificação para propósitos teóricos explícitos" (Kluckholm, 1960:34) é, na realidade, o instrumento básico da análise em questão. No caso da fase Piumhi, toda análise foi efetuada através da observação visual, sem que se tornasse necessário o emprego de aparelhamento sofisticado.

A fase Piumhi caracteriza-se, portanto, em seus aspectos tecnológicos, por um agrupamento de tipos cerâmicos associados e afins, completado pelo acompanhamento dos demais materiais arqueológicos elaborados na pedra e no osso; nas relações do grupo com o meio ambiente e ainda por aqueles poucos elementos dos quais podemos retirar conclusões culturais diferentes. Estes tipos, conforme veremos adiante, apresentam, variações de popularidade no tempo e no espaço.

Os tipos foram, de início, identificados a partir da observação que o tempero variava na pasta e sendo as superfícies predominantemente simples, sem decoração, esta variação foi tomada como traço diagnóstico. A decoração foi, por sua vez, considerada também como fator diferencial.

O tempero mais comum (feldespato e quartzo), se considerado em conjunto, de-

terminaria um tipo extremamente majoritário e pouco variado, dado a sua grande popularidade durante toda a duração da fase. Ele foi, pois, dividido em dois tipos, segundo o tamanho do grão em que se apresentava.

Outro elemento considerado como traço identificador, foi o da ocorrência de certos temperos mais raros. Assim, foram reconhecidos quatro tipos simples, dois deles baseados na variação do tamanho do grão do antiplástico predominante e dois pela ocorrência de peças com tempero argiloso e de hematita.

Como a decoração em seu todo é mínima, cobrindo a superfície de cerca de 15% do material analisado, não subdividimos em "séries" (segundo a predominância de cada um dos temperos na pasta). Também não empregamos o conceito de "genero" (quando a decoração não é considerada, somente sendo efetuada a classificação segundo a ocorrência do antiplástico) por desnecessário. Esta técnica é recomendada naqueles agrupamentos cerâmicos onde a decoração predomina, o que está muito longe de ser o nosso caso.

A morfologia do vasilhame completou a identificação, dos diversos tipos e o material mais raro, composto pelo lítico e pelo ósseo foi considerado e analisado segundo as normas usuais, empregando-se a tipologia proposta por Emperaire, (1967).

A terminologia adotada é aquela divulgada por Chmyz, (1969) para a cerâmica.

Descrição do material cerâmico

A cerâmica constituiu-se no principal material arqueológico coletado. Analisamos um total de 3.429 fragmentos.

Tipo Piumhi Simples..... 1.286 cacos (37,5%)

Pasta — Método de manufatura predominantemente acordelada, com roletes redondos e alguns em bisel, observados naquelas peças em que a solda não foi completa e em que os roletes se destacaram. Normalmente as junções são bem pressionadas e perfeitamente obliteradas.

Algumas peças pequenas foram, muito provavelmente, modeladas diretamente.

Tempero — Este tipo simples caracteriza-se pelo tempero de feldspato e quartzo em grãos de dimensões superiores a 1mm. Grãos de fratura irregular.

Textura — Regular, com peças geralmente coesas. Ocorrem casos, raros, de bolhas de ar no interior das peças. Regular resistência mecânica, com dureza média 3,5 na escala de Mohs.

Cor — Geralmente associada ao processo da queima. Há, certa variação, do alaranjado ao negro. Peças com manchas de redução localizada, indicando terem sido queimadas encostadas em algum apoio. Núcleos centrais geralmente bem notados.

Queima — Normalmente oxidação incompleta, ocorrência de manchas localizadas.

Superfícies — Faces regulamente alisadas. Na face externa observamos leves estrias e algumas apresentam antiplástico na superfície. Não ocorre, no entanto, nítida diferenciação entre o tratamento da face externa e da interna.

Forma — A espessura das paredes varia entre 3 e 25mm. Reconstituimos nove formas diferentes a partir das bordas da cerâmica deste tipo, assim distribuídas:

1 — Tijela — corpo arredondado, paredes curvas e bordas diretas. Foram denominada 1A. Diâmetro variando entre 12 e 34cm (21,5% da ocorrência).

2 — Tijela — corpo arredondado, paredes curvas e bordas levemente extrovertidas. Forma 1C, diâmetro entre 14 e 16cm (1,8%).

3 — Vaso — corpo cônico, fundo provavelmente afinado e borda direta, inclinada para o exterior. Forma 2A, com diâmetro variando entre 12 e 36cm (34,5%).

4 — Vaso — corpo globular, fundo redondo e borda inclinada para o interior. Forma 4A, com diâmetro entre 12 e 34cm (17,8%).

5 — Vaso — forma assemelhada à anterior, porém com borda levemente extrovertida. Forma 4B e diâmetro de 14 a 30cm (2,8%).

6 — Vaso — forma assemelhada, porém com borda muito inclinada para o interior boca constricta. Forma 4C, diâmetro entre 14 e 32cm (14,7%).

7 — Vaso — forma semelhante à anterior, mas com gargalo ou pequeno pescoço. Forma 4G, diâmetro entre 11 e 12cm., (2,8%).

8 — Vaso — grande vaso, de corpo periforme (hiperbólico), com borda inclinada para o interior, forma 11A, com diâmetro entre 34 e 39cm (4,9%).

9 — Prato, ou assadeira — borda direta, forma 7A, com diâmetro de 34cm e ocorrência de 0,98% dentro do tipo.

Foram raros os vestígios de fundos e quando ocorreram demonstraram tendência arredondada ou levemente convexa.

Os diâmetros aqui considerados dizem respeito à boca das peças e este será o critério adotado em todas as descrições dos demais tipos.

Posição cronológica do tipo: o Piumhi Simples se apresenta ao longo de toda a sequência seriada e tem ocorrência muito comum, somente comparável ao do Bambuí Simples, do mesmo tempero, porém de grãos finos. O Piumhi Simples tende a se tornar gradativamente popular, predominando na parte mais recente do gráfico. Não ocorre, no entanto, no primeiro nível do mesmo, referente à profundidade 30/40 do CE-47, que corresponde ao período mais antigo registrado de ocupação.

Bambuí Simples..... 1.135 cacos (33,0%)

Pasta — Método de manufatura, textura, cor e queima, muito semelhante ao tipo anterior.

Tempero — Este tipo foi determinado em função do emprego de grãos de tempero de dimensões inferiores a 1mm. Registramos a ocorrência de grãos de calcáreo. Fato interessante, também notado no tipo anterior, é o da impregnação deste elemento, como agente externo, na pasta. Alguns cacos, após a lavagem, expelem minúsculas, partículas deste material, apresentando verdadeiras "erupções" na superfície, que fica tomada de minúsculas torres de calcáreo solidificado, num processo semelhante àquela da formação das estalactites.

Superfícies — Também não apresentam diferenças notáveis em relação ao tipo anterior.

Forma — Este tipo foi encontrado em vasilhame de onze tipos diferentes.

1 — Tijela — redondas de bordas diretas (1A) diâmetro de borda entre 6 e 32cm; (45,5%).

2 — Tijela — Forma assemelhada, porém de bordas extrovertidas, forma 1C, com diâmetro variando entre 14 e 26cm e popularidade, no tipo, de 3,3%.

3 — Vaso — corpo cônico e borda direta (2A) diâmetro entre 8 e 40cm e ocorrência de 23.9%;

4 — Vaso — corpo cônico e bordas extrovertidas (2B) e diâmetros entre 16 e 24cm (2,2%);

5 — Vaso — forma globular, paredes e bordas inclinadas para o interior, forma 4A, diâmetro variando entre 12 e 36cm com popularidade de 10,2%;

6 — Forma semelhante, porém com bordas levemente extrovertidas, diâmetro entre 10 e 24cm, (3,3%);

7 — Vaso de forma assemelhada, de boca constricta, forma 4C, diâmetro entre 8 e 26cm (6,7%);

8 — — corpo globular, boca constricta com gargalo ou pescoço, diagnóstico da fase, forma 4G, boca entre 8 e 14cm e popularidade de 2,2%;

9 — Vaso — maiores dimensões, corpo periforme (hiperbólico), parte da borda semelhante ao 4C — Forma classificada como 11C — diâmetro de 34cm e ocorrência de 0,6%.

10 — Prato ou assadeira — borda direta, forma 7A, com, diâmetro entre 26 e 34cm, sendo uma retangular, com 2,2%;

11 — Tijela — pequenas dimensões, boca ovóide, com pequena saliência na borda, lembrando um cabo (forma genericamente lembrando uma concha). Pela raridade da ocorrência não a classificamos em tipo novo.

Anotamos para o tipo, bases em pedestal, raras. Predominam os fundos suavemente arredondados. Raros exemplares planos.

Posição cronológica do tipo: O Bambuí Simples é muito popular em toda a duração da Fase e se faz presente em todos os sítios pesquisados. Na ocupação mais antiga registrada ele predomina com 84% de popularidade. A tendência é diminuir gradativamente até 13% no alto da sequência.

Pimenta Simples..... 33 cacos (1,1%)

Pasta — Método de manufatura, textura, cor e queima muito semelhante ao tipo anterior, apresentando ligeira variação somente quanto à queima, com ligeiro aumento da oxidação, completa.

Tempero — Este tipo caracteriza-se pelo emprêgo de grãos de hematita no

tempero. Pode tratar somente de ocorrência ocasional, mas a determinação de uma fase na região vizinha, de Ibiraci, com antiplástico preponderante de hematita, durante o Vº ano do PRONAPA, levou-nos a considera-lo como ocorrência à parte, malgrado sua relativa raridade.

Forma — Este tipo foi detetado em quatro formas:

1 — Tijela — Exclusivamente naquelas arredondadas de bordas diretas, forma 1A, com diâmetro de boca entre 30 e 32cm e popularidade de 30%;

2 — Vaso — forma 2A, cônico de borda direta, diâmetro, entre 18 e 34cm (30%);

3 — Vaso, forma 4C, globular de boca constricta, diâmetro entre 18 e 38cm (30%);

4 — Vaso — forma 4A, globular, bordas diretas diâmetro, de 34cm (10%).

Situação Cronológica do tipo — O Pimenta Simples pela sua raridade não demonstra tendência apreciável. Embora presente em porções diversas do gráfico, o que demonstra ter sido usual, nunca foi muito popular. Tende, ademais, a diminuir em direção ao alto da sequência.

Canastra Simples..... 505 cacos (14,7%)

Pasta — Método de manufatura — não apresenta modificações em relação aos anteriores.

Tempero — Este tipo foi determinado em função do tempero argiloso empregado. Em algumas peças não se observa nenhum tipo de grão a olho nú, parecendo-nos terem sido temperadas somente com argila magra. Em outros casos aparecem pequenos grãos de quartzo.

Textura — é menos coesa em relação aos outros tipos Simples, com menor resistência mecânica. Há espaços ôcos no interior da pasta. A dureza é menor do que o comum, com cacos que se fragmentam mais facilmente. Atinge a 3,0 da escala de Mohs.

Cor — Maior quantidade de peças avermelhadas ou cinza-claro, com menor teor de redução, ou oxidação mais completa. Pouca ocorrência de núcleos negros.

Queima — A oxidação permanece incompleta, porém é mais comum neste tipo. São raras as peças totalmente oxidadas, vermelhas, mas ocorrem porções consideráveis das mesmas com esta tonalidade. De todas as formas, a queima não foi controlada.

Superfícies — Pouca variação em relação aos tipos já descritos. Registramos, no entanto, craquelê superficial na face externa, assim como maior porosidade. A coloração das superfícies está em estreita relação com a queima, variando em função desta. Apresenta, geralmente, cacos avermelhados ou acinzentados, com manchas de redução localizadas.

Não há diferença notável entre ambas as faces, em relação aos itens acima.

Forma — Espessura variando entre 10 e 30mm.

Pudemos reconstituir oito formas com as bordas deste tipo simples, assim distribuídas:

1 — Tijela — Exclusivamente naquelas arredondadas, com bordas diretas, forma 1A e diâmetro entre 12 e 32cm (34,5%).

2 — Vaso — Corpo cônico — exclusivamente no de bordas, diretas, forma 2A, com diâmetro variando entre 22 e 32cm e popularidade 17,5%.

3 — Vaso — Corpo globular de bordas diretas, forma 4A, diâmetro entre 14 e 34cm (25,0%);

4 — Vaso — Corpo globular e bordas extrovertidas, forma 4B, diâmetro entre 20 e 25cm (9,4%);

5 — Vaso — corpo globular e boca constrita, forma 4C diâmetro entre 22 e 30cm (3,1%);

6 — Vaso — Corpo globular, boca constrita com gargalho, forma 4G, diâmetro de 12cm, com popularidade de 3,1%;

7 — Prato — Bordas diretas com diâmetros de 12 a 24cm e popularidade de 3,1%.

8 — Tijela — forma sem classificação, semelhante aquela já descrita registrada no Bambuí Simples, em forma de concha de boca ovóide. O exemplo registrado neste tipo Simples estava quase inteiro e media 11cm de comprimento 9,0cm de largura e 4,5cm de altura.

Posição do tipo na sequência cultural — O tipo Canastra Simples foi considerado por nós muito importante para a diagnose da fase, porque é o único tipo Simples que apresenta uma curva completa de popularidade. Surge juntamente com o Piumhi Simples, mostra tendência gradativa de aumento de popularidade até a porção mediana do gráfico, quando entra em decréscimo, mantendo-se, no entanto, até a parte mais alta e mais recente da curva. No meio do gráfico tem uma apreciável ocorrência de 46%, sendo o tipo mais popular no MO-SF 9.

Tipo Piumhi Polido..... 368 cacos (10,7%)

Embora possamos identificar o polimento como uma “técnica complementar do alisado que torna brilhante a superfície do vasilhame” (Chmyz, *oh. cit.*), dado ao nítido contraste que podemos observar entre o material assim tratado e aquele considerado simples, classificamos esta ocorrência na cerâmica da fase Piumhi como decorada. É pois, a decoração mais popular desta Fase.

Pasta — Método de manufatura — não apresenta diferenciação em relação aos tipos Simples.

Tempero — O polimento foi aplicado indiscriminadamente em peças com qualquer dos temperos, da fase mas os melhores resultados foram observados nas peças do tipo Bambuí, isto é, com antiplástico fino. Realmente, do ponto de vista técnico, quanto mais fina for a pasta, melhor se torna a superfície para o alisamento que normalmente é feito pela pressão de um artefato em movimento de vai-vem contínuo. Pelas experiências dos autores, quanto mais liso for este artefato (um pequeno seixo por exemplo) melhor será o resultado. Se este artefato for aplicado sobre a superfície quase seca, geralmente se obtém um estriamento muito pouco profundo, mais uma variação leve dos planos superficiais. Normalmente denominamos esta técnica de “Polido-estriado”. Quando, pela ação do

tempo, ou em virtude da má aplicação, ou ainda em função da pequena intensidade da fricção, não é obtido o brilho, ou este não é conservado, podemos registrar as peças somente como "Estriado". O polido aqui considerado foi, normalmente, muito bem executado, de tal forma a não deixar sequer as estrias leves que nos referimos. É um verdadeiro polimento que resulta em brilho, o "bruído" comum na literatura hispano-americana.

O uso de tempero grosso, por exemplo, dificulta o polimento, assim como nas peças argilosas, geralmente sujeitas à contração durante a queima (que resulta em craquelê). Não queremos, com isto, contrariar a observação inicial, de que o polimento foi observado em peças de todos os tipos de antiplástico da fase, somente procuramos encontrar a explicação técnica para o seu predomínio, ou melhor conservação nas peças do tipo Bambui. Como já dissemos anteriormente, não calculamos o percentual de cada decoração em relação à sua variação sobre as peças de diferentes temperos (a "Série"), daí não podemos mencionar os dados exatos sobre esta preferência.

Textura — Não registramos modificações significativas. A textura mostra uma tendência à compactação, em peças geralmente mais delgadas, talvez resultado do próprio processo decorativo. A resistência mecânica é boa.

Cor — Aqui, como em todos os demais tipos, está indissoluvelmente associada à queima. Normalmente não se observam núcleos, embora eles ocorram em certos sítios. Há, no entanto variação na coloração do interior da pasta de uma mesma peça, dependendo da maior ou menor quantidade de temperatura recebida, contacto ou não com o ar, etc.

Queima — É muito variada a confere às peças características interessantes, pois associada à decoração (ou ao tratamento das superfícies) pode resultar em peças de um vermelho brilhante ou negro reluzente.

Superfícies — Face Externa — embora não com exclusividade, foi a parte preferencialmente tratada. Sua coloração varia entre o vermelho e o negro e o brilho é geralmente uniforme. Em certos cacos, revestidos de calcáreo por deposição natural, pode-se observar, após a retirada desta capa (sem emprego do ácido), que em alguns casos atinja até 3mm de espessura, peças com superfície muito bem polida.

Observamos, igualmente, a existência de leves estrias, não considerando-as, no entanto, como integrantes de outra técnica decorativa (no caso, o Polido-Estriado).

Face interna — Algumas peças com algum polimento interno, o que pode nos levar à conclusão de que a aplicação do alisado não seria somente decorativo e sim igualmente funcional, pois pela ação do objetivo alisador a tendência das moléculas da pasta é a de se agruparem, fechando melhor os espaços, ou melhor, evitando a porosidade e consequente permeabilidade da pasta.

O tratamento geral para esta face é o de um melhor alisado, sem brilho. São comuns os sulcos e estrias.

Forma — Peças geralmente mais delgadas do que as dos tipos simples. Em escala variável de 3 a 12mm.

O Piumhi Polido foi aplicado sobre doze tipos de vasilhames, cujas bordas se agrupam da seguinte maneira:

1 — Tijela — Tipo 1A, redonda e de borda direta, com os diâmetros variando de 16 a 32cm e 36% de popularidade;

2 — Tijela — Peça rara na fase, esta tijela de corpo arredondado, paredes inclinadas para o exterior e bordas com refôrço interno, forma 1B. Diâmetro variável de 28 a 30cm, com ocorrência limitada a 2,3%;

3 — Tijela — Forma assemelhada à 1A, com borda levemente extrovertida, designada 1C, com diâmetro de 24cm (1,2%);

4 — Tijela — Diferentemente daquelas até agora descritas a tijela forma 3A tem paredes retas, inclinadas para fora (semelhante a um alguidar). Diâmetro de 26cm e ocorrência de 1,2%;

5 — Vaso — Corpo cônico e borda direta, a repetida, comum e popular forma 2A, com boca entre os 10 e os 30cm, aqui no Tipo, com 29,5% de ocorrência;

6 — Vaso — Forma globular, com borda inclinada para o interior, direta, forma 4A, diâmetro entre 14 e 28cm e popularidade de 11,6%.

7 — Vaso — corpo globular e boca constrita, forma 4C e diâmetro de 14 a 23cm (5,9%);

8 — Vaso — Com a diagnóstica forma 4G, diâmetro de 8cm e pequena ocorrência de 1,2%;

9 — Vaso — Forma globular, paredes inclinadas para o interior e borda levemente extrovertida, 4B, diâmetros de 16 a 28cm (5,9%);

10 — Vaso — Forma intrusiva, geralmente associada à cerâmica tupiguarani, aqui, neste caso, com decoração própria, da Piumhi é a 6A, que tem o corpo globular e borda cambada, com diâmetro de 26 a 30cm;

11 — Vaso — Forma semelhante à 4A, porém de maiores dimensões e corpo periforme (hiperbólico), denominada 11A, com diâmetro de 40cm e pequena ocorrência de 1,2%;

12 — Prato ou Assadeira — borda direta, forma 7A, possivelmente retangular (1,2%).

Posição cronológica do tipo — Este tipo decorado, assim como o Canastra Simples, é perfeitamente característico, desta fase. Ele apresenta uma curva praticamente completa de popularidade, acompanhando o tipo Simples mencionado, embora sempre em menores proporções. Surge no nível mais antigo do gráfico, com 16% e mantém esta média, aumentando suavemente em direção à porção mediana até 25%. A partir daí falha em alguns setores, não tendo sido registrado, por exemplo, no MG-SF-9, nem no MG-MU-5, talvez pela ação dos agentes atmosféricos que atuaram sobre a cerâmica destes sítios, cujas coleções foram feitas exclusivamente na superfície. No nível mais recente do gráfico tem cerca de 1,5%.

Esta decoração foi, portanto, aquela mais comumente aplicada pelos grupos humanos da fase Piumhi.

Tipo Piumhi Vermelho 75 cacos (2,2%)

Pasta — As características registradas para o tipo anterior, exceto no tocante à queima, aqui predominantemente de oxidação completa e coloração vermelha na pasta.

Superfície — Face externa — Também com tratamento que lembra o polimento, embora se destaque um banho vermelho, que em alguns cacos é bem espesso, quase um engobo.

Face interna — Simplesmente alisada.

Forma — Espessura das paredes mediando com o Piumhi Polido.

O Piumhi Vermelho foi anotado em formas reconstituídas de bordas dos seguintes tipos:

1 — Tijelas — A forma comum 1A, diâmetro variando entre 18 e 24cm, com taxa de 37,7%;

2 — Vaso — Corpo cônico e borda direta, o comum 2A, diâmetro variando entre 18 e 22cm (25,0%);

3 — Vaso — Corpo globular, borda direta inclinada para dentro, o também comum 4A, com diâmetro entre 28 e 30cm e 25% de popularidade;

4 — Vaso — Corpo globular, boca constricta com pequeno pescoço ou gargalho, forma 4G, neste caso com boca de diâmetro irregular, pequena e ocorrência de 12,3%.

Situação cronológica do tipo — A tipo Piumhi Vermelho nunca desfruta de grande popularidade e, por essa razão, seus dados são poucos notáveis e significativos. Mostra, no entanto uma tendência também fusiforme, isto é, de curva completa, surgindo algo tardiamente, no MG-SF-1 e, faltando em alguns sítios, aumenta pouco de popularidade, nunca passando de 6% no centro do gráfico, diminuindo na porção superior do mesmo. Embora nunca popular como o Polido, foi, no entanto, regularmente difundido.

Ocorrência Menor..... 25 cacos (0,8%)

Nesta ocorrência temos a destacar o Engobo Branco, que foi encontrado em 11 fragmentos (uma borda tipo 1A); o Corrugado (tipo complicado) em 4 cacos; o Ponteadoungulado, em igual número de peças (incluindo uma borda duplamente cambada, forma denominada 6B). Em um fragmento cada um, registramos as decorações Entalhada (numa borda tipo 2A), um fragmento "Raspado" e um inciso.

Pela raridade e pouca frequência somos levados a considerar este material como intrusivo, sobretudo aquelas peças em que até a pasta não se enquadra na técnica da Piumhi. Deve tratar-se de influência Tupiguarani, influência esta, aliás, já notada em outras fases da região vizinha.

Situação no gráfico — Estes tipos raros, obviamente, não figuram no gráfico em frequência suficiente para indicar qualquer tendência cultural em torno da variação de popularidade. Podemos, no entanto, anotar sua localização na sequência temporal.

O Engobo Branco, por exemplo, situa-se do terço inferior do gráfico para cima, mas com grande salto no meio da seriação, demonstrando intermitência; o Corrugado, ao contrário, somente surge neste setor, muito restrito e o Ponteadoungulado restringe-se a um único sítio (MG-SF-1) também no terço inferior. Os demais tipos (no gráfico figuram como Sem Classificação) agrupados, também mostram esta tendência.

Aliás, devemos destacar que o Piumhi Vermelho, o Engobo, O Pontead-Ungulado surgem no mesmo período.

Esta situação geral, embora a primeira vista um tanto confusa, parece nos indicar que a face Piumhi recebeu influências culturais diferentes na maior parte da sua situação cultural, mesmo que estas influências tenham sido oriundas de, possivelmente, uma única tradição cultural, no caso a Tupiguarani.

Outros Artefatos Cerâmicos

Rodelas de fuso — Encontramos um total de 13 exemplares das quais 8 inteiras e as demais com pequenas porções faltando. Podemos, morfologicamente, classificá-las em dois tipos:

Tipo discoidal — Estas peças apresentam a forma de um disco, espesso, com as bordas levemente levantadas. O diâmetro varia dos 5 aos 8cm e o furo central tem no máximo 5mm. A espessura média é de 10mm. Três peças recolhidas.

Tipo losangular — É o tipo mais comum. O maior tem um diâmetro de 7,2cm, com o furo central de 8mm, e a altura de 4,6cm. O menor exemplar tem 3cm de diâmetro, por 2,4cm de altura. Deste tipo podemos reconhecer um sub-tipo caracterizado por ter uma das metades arredondada e a outra cônica, lembrando um "pião". Deste tipo registramos duas peças, uma com 4,5cm de diâmetro por 2,5cm de altura e a outra com 2,6cm de diâmetro por 1,8cm de altura. Furos variando entre 2 e 8mm.

Outro artefato cerâmico interessante e possivelmente relacionado ao anterior, foi representado por duas peças semelhantes às rodelas de fuso, mas sem o furo central e mais delgadas. Têm 4 e 3,5cm de diâmetros e, respectivamente, 2 e 1,5cm de espessura maior. Não sabemos a sua utilidade.

Cachimbo — Registramos um cachimbo tubular com cerca de 15cm de comprimento, com forninho expandindo e boca pouco constrita. Infelizmente esta peça, com restos de banho vermelho, pertence a um colecionador que se prestou a nos guiar ao local do achado, onde registramos um sítio.

Artefatos Líticos

O material lítico é pouco ocorrente, em relação à cerâmica. Tem, no entanto, representação na maioria dos sítios e pode ser assim classificado:

Material alisado

1 — Lâminas de machado — tipo bifacial. Material mais ocorrente, o diabásio esverdeado e negro. Gume igualmente bifacial, com o corte ocupando toda a largura da peça ou somente porção da mesma. O encabamento mais comum deve ter sido o de talão, pelo menos esta região é, normalmente, picoteada e algo alisada pelo uso. Encontramos peças com marcas de encabamento central.

O tratamento das faces foi executado preferencialmente por picoteamento. Alguns exemplares com a região da apreensão lascada. O maior tem 15cm de comprimento, 4cm de largura e 5cm de altura e o menor tem 8,0 x 2,5 x 5,0cm, respectivamente. Foram estudadas sete peças e quatro fragmentos.

2 — Alisadores — Seixos pequenos redondos, roliços ou alongados, com áreas

desgastadas pela fricção. Encontramos em calcedônia (localmente denominada "pedra figo" ou "figado de galinha"), quartzito, calcáreo e o quartzo. Média de 4cm de comprimento, Sete exemplares. A julgar pela ocorrência de cerâmica polida, para a qual deveriam se destinar estas peças, a ocorrência é reduzida, tendo em vista a grande quantidade daquela técnica de tratamento (e decoração) das superfícies cerâmicas.

3 — Bolotas — Denominamos assim aos pequenos seixos trabalhados em forma de rodelas de fuso, losangulares, sem furo central e com 5cm de diâmetro. Duas peças (boleadeiras?).

4 — Mão de pilão — Uma peça alongada, com aproximadamente 30cm de comprimento e diâmetro (maior) de 8cm. Nesta parte, uma das extremidades, sofreu lascamentos pequenos, periféricos, que parecem ter sido produzidos após a quebra da peça. A outra extremidade, arredondada, é polida. Foi encontrada enterrada verticalmente, com a extremidade menor voltada para cima. A rocha é o diabásio negro, polido.

Encontramos, ainda, um pequeno fragmento de artefato semelhante, mas nenhum pilão de pedra. Embora não se possa deduzir com clareza frente ao pouco material, é de se considerar que os pilões deveriam ser de madeira e desapareceram. Em toda a região, inclusive nas outras fases de outras Tradições a "mão de pilão" ocorre, mas nunca foi encontrada a parte passiva, o "pilão", o que nos levou à dedução acima, sujeita às futuras alterações ocasionadas por descobertas.

5 — Batedores — Quatro peças, sendo uma de gnaisses bifacial picoteada, com percussão no vértice (19cm de comprimento 10 de largura e 6cm de espessura). As demais peças são seixos arredondados de diabásio e calcedônia.

Material lascado

1 — Raspadores — Um em forma semi-lunar, achatado, de granito, com pequenos lascamentos periféricos (parte curva). Um outro semelhante, de ágata. Um terceiro, pequeno, triangular, com pequenos retoques; outro com escotadura terminal e trabalho para apreensão manual. Finalmente um plano-convexo de calcáreo com corte periférico.

2 — Faca — de calcáreo, alongada, com lascamentos secundários no corte. Tem 7 cm de comprimento, 3 cm de largura e 0,8 cm de espessura.

3 — Ponta — Fragmento triangular, de quartzo, sem pedúnculo e secção triangular (6,0 x 1,5 x 1,0cm).

4 — Lascas — Onze delas, das quais 2 de calcáreo, 3 de quartzo e 5 de calcedônia. Um fragmento de diabásio longilíneo, picoteado.

5 — Núcleos — Tres peças de calcáreo azulado com evidencias de lascamento.

Artefatos ósseos

É relativamente raro este tipo de material, embora, sejam abundantes na caverna escavada os restos ósseos de animais de pequeno e médio porte. Grande área dela é juncada de ossos de roedores, cobras e, possivelmente, carnívoros. Também ocorrem inúmeras espinhas de peixe, galhas de cervídeos e fragmentos de casco de cágado.

Alguns poucos fragmentos de ossos humanos, já de posse dos especialistas para estudo.

As peças intencionalmente modificadas são poucas. Destacamos um galha simples, com pequeno entalhe na extremidade; algumas espinhas de peixe com perfuração e marcas de terem sofrido a ação de um instrumento que deixou algumas estrias na extremidade apontada. Finalmente, um apito alongado, com cerca de 13cm de comprimento e 0,8cm de diâmetro, com entalhe próximo a uma das extremidades. Não tem perfurações.

Alguns ossos com marcas de alisamento foram também, recolhidos, sem que possamos determinar suas funções. Poderiam ter sido utilizados na confecção da cerâmica ou em outra qualquer atividade do grupo.

Artefatos malacológicos

Nas cavernas da região são bastante comuns as conchas (um bivalde fluvial), de mistura ao material arqueológico. Localmente são chamadas "intãs", que sem dúvida foi alimentação apreciada.

Uma única peça deste material foi encontrada. Trata-se de uma delgada conta circular, discoidal, com cerca de 0,7cm de diâmetro e aproximadamente 0,05cm de espessura, muito frágil.

Análise da Sequência Seriada da Fase Piumhi

Os dados percentuais de cada tipo, separados e organizados segundo os sítios e níveis diferentes, após interdigitados de acordo com a técnica adotada, resultaram num gráfico que demonstra as variações de popularidade de cada um deles no tempo e no espaço. Este gráfico que, em última análise, é a conversão em termos gráficos de um "continuum" de tipos em evolução, é a sequência cultural que determina a própria existência e o reconhecimento da fase.

Para que tenhamos uma tendência demonstrativa de uma padrão evolutivo aceitável, com indicações precisas de direção (aumento ou diminuição de popularidade no tempo) é necessário que as amostras estratigráficas se intercalem obedecendo à sua disposição natural, isto é, segundo a profundidade de cada uma delas no terreno. A sequência em questão, da fase Piumhi, foi, inicialmente, organizada através da intercalação dos dados provenientes dos cortes estratigráficos abertos. Foi estabelecida, portanto, a partir das tendências observadas nestes e somente após, foram interdigitados os dados oriundos dos sítios de superfície.

Constatamos que em todos os cortes ocorre um aumento gradativo de popularidade do tempero grosso (tipo Piumhi Simples) à medida que os níveis se tornam mais superficiais e, portanto, mais recentes. Esta tendência estratigráfica foi a responsável pela organização básica do gráfico, do qual podemos tirar algumas conclusões de interesse.

Inicialmente se destaca o fato de estarmos, muito provavelmente, frente a uma quantidade de amostras e de sítios, que compõem uma fase arqueológica completa. De fato, os tipos determinados a partir do tempero predominante (feldspato e quartzo) apresentam curvas inversas, mas sempre majoritárias. Assim, o Piumhi Simples (grosso) no nível mais antigo do gráfico não aparece (0,0%), estando presente no segundo com 14%, mas aumentando, gradativamente de popularidade até o alto do gráfico, onde predomina com 80%. O tipo Bambui Simples (fino) tem, na base, 82% de ocorrência e somente 13% no alto, diminuindo, pois, gradativamente a sua preferência. O tipo Canastra

Simples (tempero argiloso) é, no entanto, aquele que demonstra uma curva completa (significando uma fase completa), começando com 13,2% na base, atingindo popularidade máxima de 46,0% no meio do gráfico e, diminuindo a partir daí, até 2,1 e 5,2% no alto.

O Pimenta Simples, último tipo baseado no tempero (de hematita) não mostra boa curva, sendo pouco constante, embora pareça diminuir gradativamente.

Quanto aos tipos decorados, o que melhor curva apresenta é o Piumhi Polido, com evolução semelhante ao Canastra Simples. Começa com regular popularidade (15 e 5%), aumenta, gradativamente até 26,0% na porção mediana e daí diminui até 1,3% numa curva harmônica, até o alto do gráfico.

Em escala reduzida, o Piumhi Vermelho, demonstra tendência igual. Surge algo tardiamente, aumenta até 5,0% no meio da curva e tende a diminuir para o período mais recente.

O Piumhi Corrugado restringe-se a dois níveis escavados no MG-SF-5 (Buracão dos Bichos) podendo demonstrar uma influência localizada, mas o Piumhi Engobado, talvez da mesma fonte, tem maior distribuição. Os demais tipos ocorrem no terço inferior do gráfico e embora pouco significativos demonstram que desde cedo esta fase recebeu influências culturais estranhas.

Há pois, no cômputo geral, uma tendência facilmente observada da cerâmica ser produzida em maior quantidade de vasilhame sem decoração, com tempero grosso de feldspato e quartzo.

Um detalhe interessante que nos é fornecido pela sequência seriada é a colocação dos tipos localizados em Itapeva e proximidade (limites com o Estado de São Paulo) e, portanto, bem a Leste dos demais, no alto da sequência, o que nos possibilita, embora cautelosamente, supor uma direção de povoamento.

Outro elemento significativo nos é fornecido pela distribuição dos dados oriundos dos cortes abertos na caverna MG-SF-5. Os níveis do CE-46 distribuem-se em 2.º (a partir da base), 15.º e 22.º níveis, mostrando, neste caso, uma intermitência de ocupação no sítio (como o sítio E-30, da fase Taruma, no rio Essequibo superior, segundo Evans e Meggers, 1960, fig. 101). Outros cortes abertos no mesmo sítio, no entanto, demonstram que o mesmo, em outras áreas, foi habitado constantemente. O CR 47 apresenta a mais antiga ocupação, que se prolonga, com hiato, até o meio do gráfico, onde predomina; os dados da Trincheira, ao contrário, se estendem do meio da ocupação para cima. Poderíamos propor, baseados nestes dados, uma pequena variação no movimento ocupacional daquela caverna, desde que o CE-47 foi aberto no salão H, ao lado do principal, onde estabelecemos a trincheira CE-46 no salão G, onde localizamos o pequeno núcleo mencionado, com marcas de estacas e pontas ósseas. A grosso modo a preferência ocupacional variou do salão H para o salão principal que permaneceu utilizado durante o período central da ocupação. No meio do gráfico, no entanto, ocorrem níveis dos três cortes, o que demonstra somente uma variação contemporânea, talvez indicativa de preferência individual ou de pequenos grupos. De qualquer forma observa-se que não é o mesmo caso do sítio E-30 citado (Evans e Meggers), pois não se trata de intermitência e sim de periodicidade, ou melhor, permanência. O sítio em questão foi ocupado, durante a maior parte da duração da fase.

A principal utilidade desta discussão reside no fato de que podemos tirar conclusões pelo método adotado, muito difíceis de serem obtidas por qualquer outro sistema. Além disso, podemos observar que quanto mais completo o trabalho de abordagem, tanto melhor para as conclusões. Se ficássemos restritos às observações oriundas do CE-46, poderíamos adotar a tese da ocupação intermitente do sítio; a abertura de outros cortes, no entanto, permitiu verificarmos não ser esta a proposição correta.

Outro elemento de interesse que pode ser estabelecido é o da relação da caverna escavada com os dois morros vizinhos, onde foram localizados o MG-SF-1 (ao Sul e na elevação sob a qual se abre a caverna) e o MG-SF-4 (ao Norte e onde se encontra uma das paredes do canhão). Ambos estão hoje plantados com milho, abóbora e aipim (por coincidência, todas plantas americanas) e é de supor que no passado tivessem sido aproveitados para o mesmo fim. Se esta proposição é correta e eles foram utilizados para o plantio e alimentação do grupo em análise, podemos ver que a caverna foi utilizada durante longo tempo, anterior mesmo ao aproveitamento agrícola da superfície, pois seus níveis de ocupação são anteriores aqueles dos sítios indicados. Faltam, no entanto, escavações que demonstrem o início do aproveitamento dos terrenos citados.

De qualquer forma, ao nosso ver, um fato se revela: A ocupação das cavernas (bem demonstrada por aquela escavada), não se restringe à determinada época ou períodos. Parece-nos ter sido fator usual e comum nos padrões de comunidade e habitação do grupo em análise. Os dados oriundos dos sítios cobertos e aqueles provenientes dos sítios em campo aberto se misturam em todo o gráfico.

Preparamos, igualmente, um gráfico para as formas. Os dados neste caso, foram organizados segundo o padrão cronológico estabelecido pelos tipos cerâmicos (técnicos). Os elementos morfológicos foram agrupados, para esta análise, não se levando em consideração sua relação com os tipos anteriores. Desta maneira, as formas reconstituídas através do estudo das bordas, estão consideradas como elementos isolados. Em outras palavras, uma forma denominada seguindo as características gerais do corpo e da borda e, neste caso em particular, estudada independentemente da decoração aplicada na superfície do vasilhame ou da pasta da cerâmica. Os dados representam a soma de cada tipo morfológico.

Neste segundo gráfico a pequena quantidade da amostragem prejudicou a clareza, não demonstrando boas curvas de popularidade. As formas predominantes, como as tijelas curvas e de corpo redondo (1A), os vasos de corpo cônico e bordas diretas (2A) e os globulares simples (4A) pouco variam em todo o gráfico, notando-se pequena tendência à diminuírem de popularidade no conjunto. A tijela de paredes retas, (3A), aparece, em período recente, assim como as bordas cambadas e duplamente cambadas (6A e 6B). Estas três formas estão geralmente associadas à Tradição Tupiguarani e seu aparecimento recente contrasta com as decorações da mesma origem, antigas na fase.

As tijelas em meia calota, bordas extrovertidas (1C) concentram-se no terço inferior do gráfico, assim como a rara 1B (com bordas reforçadas internamente). Os vasos globulares, de bordas levemente extrovertidas (4B) e aqueles de corpo semelhante e bordas muito inclinadas para o interior (4C) apresentam ocorrência regular, distribuindo-se por todo o gráfico sem tendência definida; no entanto, a forma considerada típica da fase, globular com gargalo aparece em todo o gráfico (4G) embora sem muita repetição. Os pratos de bordas diretas (7A), concentram-se mais, porém não exclusivamente,

nos níveis mais baixos e o prato com borda reforçada internamente (7B) somente na parte mais alta.

As formas periformes (hiperbólicas) 11A e 11C não figuram no gráfico por se restringirem a sítios que não proporcionaram mostragem que lhes permitissem colocação na sequência.

Organizamos, ainda, um quadro de distribuição das formas de acordo com a decoração. Neste caso, o elemento que não foi considerado foi a variação percentual de cada tipo. Aqui, os tipos é que foram agrupados segundo o percentual total de ocorrência (conforme consideramos na descrição do material). Este quadro é, na realidade, uma síntese das distribuições de cada forma dentro de cada tipo, arrumadas, no entanto, de acordo com as afinidades de cada grupo. Na descrição abordamos as formas segundo os percentuais de ocorrências dentro de cada tipo.

Identificação e Filiação Cultural da Fase Piumhi

O problema da filiação cultural da fase Piumhi não é de fácil solução. De início podemos identificá-la como pertencente a uma tradição cultural não tupiguarani. De fato a incidência de formas e decorações que caracterizam esta tradição, como o engobo (e a pintura), o corrugado e o escovado, entre outras (conforme Brochado: 1969) sobre cerâmica da fase em questão é muito restrita, insignificante mesmo no computo geral, não atingindo 1,5% em todo o material. Outros elementos, diagnósticos daquela tradição, expressos, por exemplo, nas formas 6A e 6B (vasos de borda cambada e duplamente cambada) também se apresentam em proporções mínimas. Faltam dados sobre outros traços, como aqueles referentes aos enterramentos, até agora não detetados na fase Piumhi.

A habitação em cavernas calcáreas também não é comum na tradição Tupiguarani e são muito poucas as fases dessa tradição relacionadas aos sítios cobertos, como a Cochá, determinada recentemente por nós no médio São Francisco (Dias Junior & Pepe: 1973).

Esta análise de traços negativos somente é suficiente para uma idéia preliminar do que não é a fase. O fato, porém, de distanciarmos esta fase daquela Tradição representa, no entanto, um primeiro passo para a sua identificação e filiação cultural. Podemos explicar a ocorrência desses traços Tupiguarani como evidências de contato cultural. Não chegou mesmo, a haver aculturação, pois os traços quando ocorrem, são genericamente completos, isto é, podem caracterizar peças intrusivas no contexto. As peças decoradas, ou morfológicamente Tupiguarani, não apresentam pasta Piumhi. Devemos destacar que recentemente detetamos em área próxima, e entre Piumhi e Itapeva, uma fase Tupiguarani denominada Belvedere (Dias Junior, Carvalho & Cheuiche, op. cit.)

Outro problema se configura pela falta de dados relativos a outros materiais cerâmicos das redondezas, capazes de fornecer elementos comparativos. Tivemos que nos valer das informações levantadas por nós próprios para a região, seja pelo PRO-NAPA, seja pelo PROPEVALE; dos dados publicados por Valentin Calderon e Celso Perota, além das informações pessoais desses autores. Outros dados foram considerados no conjunto, como aqueles fornecidos por Pereira Junior (1957), Paula (1967) e Silva (1959) e (1960). Neste último caso, no entanto, a utilização dos informes ficou reduzida à obtenção de dados genéricos, por se tratarem de pequenas monografias isoladas, onde nem o conceito de fase nem o de tradição foi aplicado.

Cada fase é reconhecida pela repetição de determinados elementos que denominamos **tipo**, (em todo o contexto cultural, inclusive o ecológico), em sua variação espaço temporal. Uma vez reconhecida a fase, ou um grupo delas, certos traços podem ser comparados entre si. Se um conjunto de fases apresenta afinidades nos padrões de povoamento, tecnologia do material, em seus aspectos gerais ou particulares, formas de enterramentos etc., podem ser agrupadas em Tradições Culturais. Estas Tradições são sempre difíceis de serem determinadas, quer pela maior extensão espacial que cobrem, quer pela sua maior duração cronológica, ou temporal.

Embora difícil, a determinação das Tradições constitui-se em elemento importante de trabalho, pois as fases isoladas, cobrindo pequenos espaços, em muitos casos limitadas demasiadamente no tempo, não conduzem por si só, isoladamente, a reconstituições culturais totalmente aceitáveis.

No caso presente tornou-se necessário isolar aqueles traços importantes, expressos, por exemplo, nos padrões de povoamento, morfologia e decoração cerâmica, artefatos predominantes e comparar sua ocorrência com os traços encontrados em outras fases de Tradições já determinadas. Das semelhanças e diferenças pudemos concluir alguma coisa e vincular esta fase a uma Tradição já anteriormente reconhecida.

A área onde se localiza a fase Piumhi, parte ao longo do rio S. Francisco em seu alto curso e parte no alto Sapucaí (e Mogi-Guaçu) e vizinha da área de ocorrência das fases Sapucaí e Jaraguá (Dias Junior, 1971) e Ibiraci e Paraopeba (Dias Junior, 1974), que compõe a Tradição Sapucaí. A maior distância, na bacia do rio Paraíba, inclusive nos seus afluentes mineiros, predomina a Tradição Una (Brochado et alii 1969) composta, pelas fases Una e Mucuri (Dias Junior, 1969) mais a Tanguí, no Espírito Santo (Perota, 1974). A distância ainda maior, atingindo o litoral bahiano e parte do curso médio e baixo do S. Francisco, foi identificada a tradição Aratu (Brochado, ob.cit) composta pelas fases Aratu (Calderón, 1969), Itanhém e Jacareípe (Calderón, 1974) e Itaúnas, no Espírito Santo (Perota, 1971), além da Cachoeira, ainda sem dados publicados.

Organizamos quadros em que as fases componentes das Tradições já identificadas colocaram-se em posições verticais e paralelas e os traços isolados, considerados como determinantes, na horizontal, de forma a melhor compararmos os mesmos elementos na fase em pauta.

Inicialmente (Quadro I) tomando por base os padrões, de povoamento, podemos verificar que a fase Piumhi se aproxima do grupo de fases da Tradição Una, que são as únicas que se relacionam a sítios cobertos.

No quadro seguinte (n.º II) relacionamos alguns traços característicos e passíveis de comparação. Assim, pela ocorrência de decoração restrita às bordas de parte do vasilhame, a fase tanto se aproxima da Tradição Aratu, quanto da Una. A fase Piumhi apresenta, igualmente, peças inteiramente decoradas (polido-estriado, por exemplo) e esta ocorrência (decoração tanto restrita às bordas, quanto comum à toda a peça) é peculiar das demais fases da Tradição Una. As fases da Tradição Sapucaí apresentam decoração em todo o corpo.

Outros elementos como rodela de fuso, lâminas de machado e mãos de pilão, que são muito gerais e, portanto, pouco diagnósticos, aproximam-na tanto da Tradição Aratu quanto, da Sapucaí. Cumpre notar, entretanto, que na Tradição Una ocorrem ma-

chados fragmentados (fase Una) e que na Mucuri, onde é notável a pobreza do material lítico, temos provas indiretas da sua existência, além de exemplares registrados em coleções particulares. Também na Mucuri coletamos peças tecidas, que deixam-nos pressupor o conhecimento e utilização das rodelas de fuso. Este grupo de dados, portanto, não serve para diagnosticar a filiação cultural da fase.

Os artefatos de osso, no entanto, por mais raros e localizados, podem ser aceitos nesta análise. Apitos, contas pendentes e furadores desse material são quase que exclusivos das fases da Tradição Una. Da Tradição Aratu a única que apresenta material do tipo é a Itaúnas.

A distribuição dos tipos decorados, organizados no Quadro III, afasta, mais uma vez, da Tradição Aratu e a aproxima da Tradição Una, pela ocorrência da decoração Polida, (e Estriada). Há poucas diferenças, neste caso, em relação à Tradição Sapucaí. Uma afinidade bem marcante pode ser, todavia, notada no tocante aos percentuais relativos à distribuição, tanto dos tipos decorados, quanto ao predomínio da cerâmica simples. De fato, se a Piumhi apresenta um total de 82,0% de tipos simples, a Una tem 95,5% e a Mucuri 80,0%. A decoração usual, Polida (e Polido-Estriado) tem na Piumhi a popularidade de 10,8% reduzida a 1,4% na Una e 17,2% na Mucuri. Tendências semelhantes podem ser notadas no Escovado, respectivamente com 0,9%, 0,8% e 1,8%. O raro corrugado tem 0,1%, 0,1% e 0,3%. O engobado não corre na Mucuri, mas tem 0,4% na Una e 0,3% na fase Piumhi.

Finalmente, esta mesma tendência é observada no Quadro IV, relativo à morfologia do vasilhame. Pelos dados disponíveis a fase Piumhi se enquadra na Tradição Una. O vaso do corpo cônico e bordas diretas, inclinadas para fora, tipo 2A comum nas fases desta Tradição, sendo mais raro tanto na Sapucaí quanto na Aratu. O mesmo pode ser dito quanto ao vaso semelhante, mas de borda extrovertida, forma 2B. Outras formas, comuns são menos diagnósticas, como a vasilha globular e de boca constricta, comum a todas elas (embora faltando na fase Itanhem da Tradição Aratu) e a grande vasilha de corpo perifosme (11A) que é predominante na Aratu, mas também encontrada em todas as fases com maior ou menor ocorrência.

Não restam dúvidas que todas estas fases e suas Tradições tem o mesmo fundo cultural. Há mesmo certa contemporaneidade entre elas. As datações obtidas através do C-14 para estas Tradições apontam, de início, uma longa duração e, em segundo lugar, para uma coexistência. Para a Tradição Aratu possuímos datações que cobrem do século IX ao XVIII (1089 + 90 ou AD 870, SI 542, para a fase Aratu; 350 + 75 ou AD 1.730, SI 834, para a Itaúnas); para a Tradição Una as datas são menos extensas, cobrindo do século VI ao IX, mas evidências tais como tecidos conservados, contas de ossos etc, mesmo se levarmos em consideração os fatores externos de preservação ocasional dos restos, parecem apontar para um prolongamento da Tradição até os séculos da conquista do interior fluminense, onde ainda no século passado eram comuns as "correrias" dos índios.

As datas principais disponíveis são: 1430 + 65 ou AD 520 (SI — 705) para a fase Mucuri; 1140 + 80 ou AD 810 (SI 1.189) para a Tangui e 1060 + 80 ou AD 890 (SI 436) para a Una.

Para a Tradição Sapucaí as únicas datas disponíveis se relacionam à fase Jaraгуá e se fixam no século XI (885 + 90, ou AD 1.065, SI 822) (8). Para a fase Piumhi

possuimos uma datação que a coloca como a mais antiga da tradição Una, alongando a sua duração no tempo. É a S: 2360 (1840 +, 90 ou AD 110).

Acreditamos, pois, ser viável vincularmos a fase Piumhi à Tradição Una, por todos os motivos expostos anteriormente. Sua localização interiorana virá a se constituir no futuro num dado de fundamental importância para a reconstituição da nossa pré-história regional.

Conclusão

No estado atual dos nossos conhecimentos, a fase Piumhi pode ser considerada como integrante de uma Tradição Cultural não Tupiguarani, denominada Una. A extensão espacial desta Tradição vai do litoral do Brasil Sudeste, englobando as costas fluminenses e capixabas, abrangendo a região das serras nos dois Estados, do Sul do rio Doce ao médio curso do Paraíba e, com um salto no espaço, ao alto S. Francisco Recentemente descobrimos prolongamentos da mesma (no caso, da Fase Mucuri) no alto curso do Mauriaé. Uma vasta região não pesquisada se estende pelos afluentes mineiros do Paraíba e daí até a região das cabeceiras sanfranciscanas.

Sua extensão no tempo atinge do segundo século ao nono mas temos razões para acreditar que chegue a períodos mais próximos de nós. Esta Tradição conviveu com outras, trocou influências, notadas tanto na decoração tupiguarani de peças intrusivas em sítios Piumhi quanto em aoulurações observadas em peças das fases Una e Mucuri (em vasilhame de pasta Una). É provável que tenha ocorrido influência inversa, pois sítios da fase Ipuca (Dias Junior, 1969) apresentam peças com pasta muito próxima das características Una, assim como menor variação na decoração e a fase Ipuca é tipicamente Tupiguarani. Aliás, convém ressaltar que sítios Ipuca e Mucuri ocupam áreas muito próximas e que o contato entre ambas deve ter se efetuado em mais de uma direção. (Dias Junior e Carvalho: 1980)

Pelo dimensionamento dos sítios, relação com o meio, práticas funerárias, artefatos líticos e ósseos, podemos classificar os grupos desta Tradição, e muito especialmente os componentes da fase Piumhi, dentro dos Padrões de Comunidade propostos por Beardsley (1956) e considerá-los como "Sedentários Semi-permanentes" que se constituem nos padrões típicos das comunidades da Florestas Tropical, onde a agricultura é considerada como atividade econômica principal.

Nossa tese, de que as populações ceramistas do alto curso do São Francisco, cujas características permitem englobar um número avultado de sítios (e, conseqüentemente, de restos culturais) numa única fase, por nós denominada Piumhi, em respeito ao município onde registramos os primeiros e mais característicos sítios, estão relacionadas a outras populações, do mesmo tipo no litoral fluminense e capixaba, deixa antever um vasto campo de pesquisas para o futuro. Estas pesquisas deverão esclarecer a direção do povoamento, meta sempre difícil e porisso mesmo perseguida, as relações destes grupos com aqueles das Tradições vizinhas e, assim, com o desejado restabelecimento das múltiplas relações no tempo e no espaço, a reconstituição do passado pré-histórico desta área. Temos trabalhado com estes objetivos em mente e mesmo que toda esta posição venha a ser rejeitada no futuro, pela soma de novos dados terá sido útil e preenchido sua função, como ponto de apoio para trabalhos cada vez mais profundos e sérios.

Devemos adiantar que não partimos de uma hipótese previa para esta identifica-

ção. As descobertas e a reconstituição de inúmeras fases no espaço de Minas Gerais e territórios vizinhos, vem forçando a estruturação das idéias e, porisso, estamos partindo de dados concretos, apoiados na análise comparativa, para a formulação das hipóteses de relacionamento e reconstituição. Talvez que falte muito ainda, mas o que falta é um incentivo, não uma barreira e sobre esta hipótese de trabalho podemos cada vez mais ampliar as bases da pesquisa. Em suma, as pesquisas geram conhecimentos que provocam novas pesquisas. Se não houver, paralelamente, a interpretação objetiva, todo o trabalho pode descambar num somatório pouco útil de dados.

As escavações arqueológicas, realizadas em 1971, foram patrocinadas pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (então IPHAN) e pela "Smitsonian Institution".

BIBLIOGRAFIA

Beardsley, Richard

1956 — **Functional and Evolutionary Implications of Community Patterning.** Seminars in Archaeology — Society of American Archaeology, Memoirs, 11 Salt Lake City.

Boughey, Arthur S.

1971 — **Man and the Environment.** An Introduction to Human Ecology and Evolution Macmillan. N. York.

Brasil (Conselho Nacional de Geografia)

1960 — **Atlas do Brasil (Geral e Regional)** I.B.G.E. Rio de Janeiro.

Brochado, José P. et Alii

1969 — **Arqueologia Brasileira em 1968.** Um relatório Preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas. Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém, 12: 33 p il.

Calderón, Valentin

1969 — **A Fase Aratu no Reconcavo e no Litoral Norte do Estado da Bahia.** Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do Terceiro Ano, 1967-1968. Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém, 13: 161-72

1967 — **Notícia Preliminar sobre as Sequências Arqueológicas no Médio S. Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia.** Programa Nacional de Pesquisa Arqueológicas. Resultados Preliminares do Primeiro Ano. 1965-66. Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém 6:107-19.

1974 — **Contribuição ao Conhecimento da Arqueologia do Reconcavo e do Sul do Estado da Bahia.** Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, Resultados Preliminares do Quinto Ano. 1969-70. Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém N.º 26.

Chmyz, Igor

1966 — **Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica.** Manuais de Arqueologia — Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas — UF — Paraná, 1.

Dias Junior, Ondemar F.

1969 a — **Resultados Preliminares do Segundo Ano de Pesquisas no Estado do Rio de Janeiro.** Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do Segundo Ano 1966-67. Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém 10:119-33.

1969 b — **Considerações Iniciais sobre o Terceiro Ano de Pesquisas no Estado do Rio de Janeiro.** Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do Terceiro Ano. 1967-68. Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém, 13:143-60.

1971 — **Breves Notas a Respeito das Pesquisas no Sul de Minas Gerais.** Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968-69. Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém, 15: 133-48.

1974 — **Pesquisas Arqueológicas em Minas Gerais — Notas Prévia.** Programas Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do Quinto Ano. 1969-70. Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém.

Dias Junior, Ondemar F. & Pepe, Braz F.

1973 — **Cerâmica Arqueológica no Norte e Nordeste Mineiro — Fase Cochá.** Resumos — Rev. Ciência e Cultura — S.B.P.C. Vol. 25, 6:383.

Dias Junior, O.F.; Carvalho, Eliana e Cheuiche, Lilia.

1975 — **A Fase Belvedere — Um Grupo Tupiguarani no Estado de Minas Gerais.** Boletim do I.A.B. Rio de Janeiro, 7.

Dias Junior, Carvalho, Eliana

1980 — **A Pré História da Serra Fluminense e a utilização das grutas do Estado do Rio de Janeiro.** "Pesquisas" — Inst. Anchieta de Pesquisas — N.º 31 — S. Leopoldo — RS

Emperaire, Annete, L.

1967 — **Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul.** Manuais de Arqueologia — Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas — UF Paraná, 2.

Evans, Clifford & Meggers, Betty

1960 — **Archaeological Investigations in British Guiana.** Bureau of American Ethnology — Bulletin 177, Washington.

1965 — **Guia para a Prospecção Arqueológica no Brasil.** Mus. Paraense Emilio Goeldi, Serie Guias, Belém, 2.

Flannery Kent

1973 — **Culture History v. Cultural Process: a Debate in American Archaeology,** in: Leone, Mark — **Contemporary Archaeology,** p. 102-7 Southern Illinois University Press.

Ford, James

1954 — **On the Concept of Types.** American Anthropologist, Menasha, 56:42-53.

1962 — **Método Quantitativo para Estabelecer Cronologias Culturales.** Union Panamericana, Manuales Técnicos, Washington, 3

Kluckhohn, Clyde

- 1960 — **The Use of Typology in Anthropological Theory**, in: Selected Papers of Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences. University of Pennsylvania Press, 134.

Krieger, Alex.

- 1944 — **The Typological Concept**. American Antiquity, Menasha, 9:271-88.

Matson, Frederick

- 1960 — **The Quantitative Study of Ceramics Materials**, in: Heizer, F & Cook, S. — The Application of Quantitative Methods in Archaeology, Chicago, p. 34-59

Meggers, Betty & Evans, Clifford

- 1958 — **Identificação das Áreas Culturais e dos Tipos**. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, vol. XLVI:9-33.

- 1970 — **Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica**. Manual para Arqueólogos — Smithsonian Institution Washington.

Paula, Alcibíades V.

- 1967 — **Açadados Arqueológicos na Região de Varginha** Rev. As. Médica de Minas Gerais.

Pereira Junior, J. Anthero

- 1957 — **Contribuição para o Estudo da Arqueologia do Extremo Norte Paulista**. Rev. Inst. Histórico e Geográfico de São Paulo.

Perota, Celso

- 1971 — **Dados sobre a Arqueologia Norte Espírito Santense**. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, Resultados Preliminares do Quarto Ano, 1968-69 Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém, 15:149-62.

- 1974 — **Resultados Preliminares sobre a Arqueologia da Região Central do Estado do Espírito Santo**. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Resultados Preliminares do Quinto Ano, 1969-70. Pub. Av. Mus. Paraense Emilio Goeldi, Belém, n.º 26.

Rizzini Carlos & Pinto Maia

- 1964 — **Áreas Climático Vegetacionais do Brasil, segundo os Métodos de Thornthwite e Mohr**. Rev. Bras. de Geografia, Rio de Janeiro, 26.

Sheppard, Anna. O.

- 1963 — **Ceramics for the Archaeologist**. Carnegie Institution of Washington, Washington, pub. 609.

Silva, A Neves da

- 1959 — **Açadado Arqueológico em Entre Rios de Minas — Cerâmica Funerária dos Catagua**. Rev. Inst. Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Belo Horizonte, vol. VI.

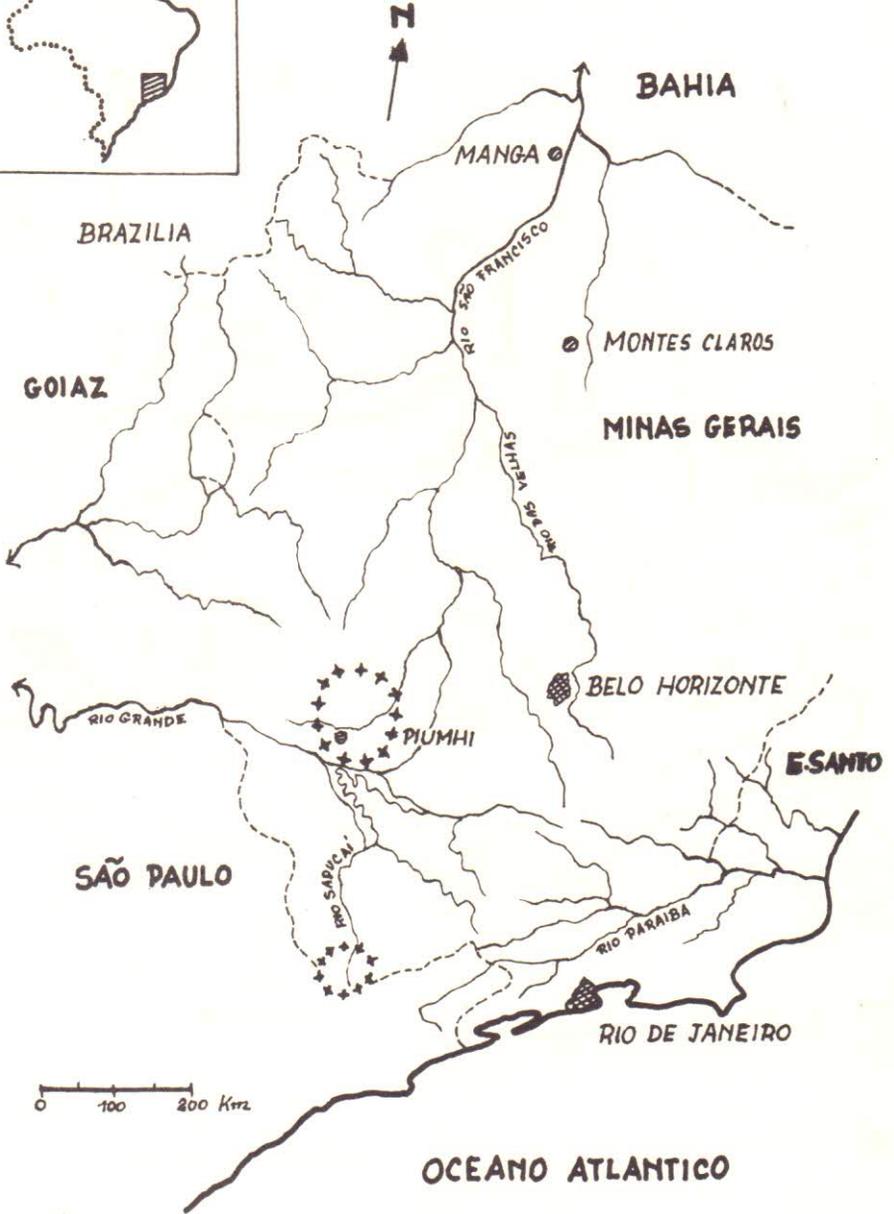
- 1960 — **Arqueologia de Entre Rios de Minas: Cerâmicas dos Catagua**. Rev. Inst. Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Belo Horizonte, vol. VII.

Taylor, Walter

- 1967 — **A Study of Archeology**. Southern Illinois University Press.

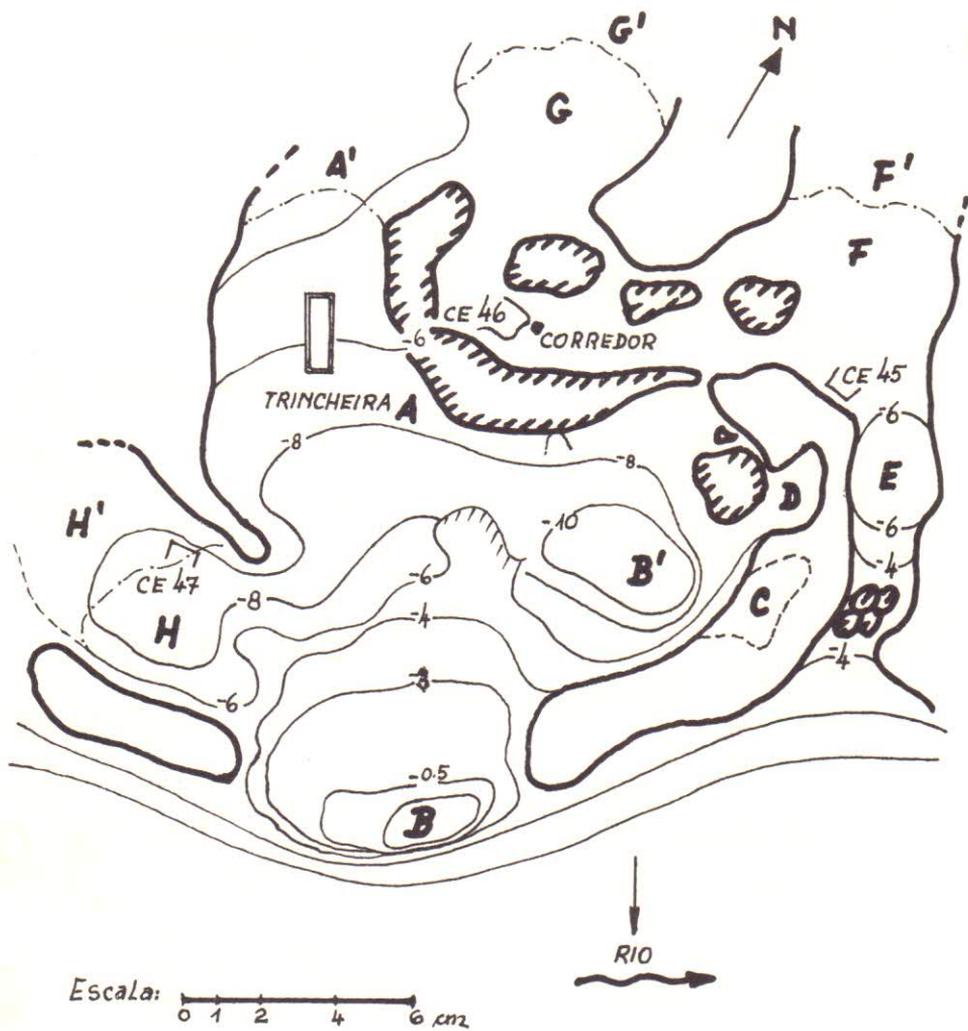
Willey, Gordon & Sabloff, Jeremy

- 1974 — **A History of American Archaeology**. W. H. Freeman and Company — São Francisco.



 **AREA DA FASE PIUMHI EM MINAS GERAIS**

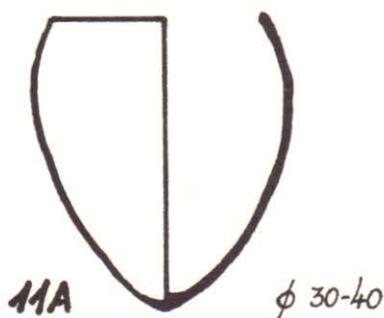
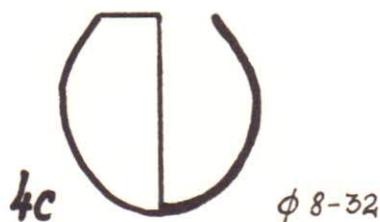
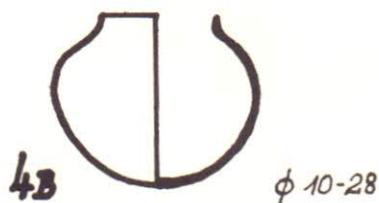
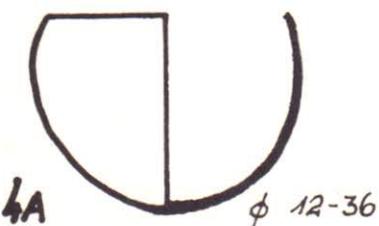
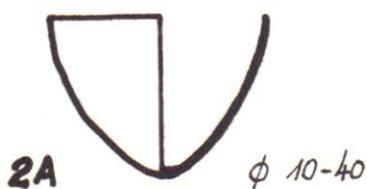
MG-GF 5
PLANTA BAIXA



LEVANT. e DES: O. DIAS

SIGLA MG	TIPOS	PIUMHI SIMPLES	BAMBUI SIMPLES	CANASTRA S.	PIMENTA SIMPLES	PIUMHI POLIDO	PIUMHI VERDELLHO	PIUMHI P. COR. VERDELLHO
MU-4 'B'								
MU-4 'A'								
SF-5 C46 00/05								
MU-5								
SF-5 T. 00/10								
SF-2								
SF-5 T. 10/25								
SF-11								
SF-5 T. 25/35								
SF-5 C46 05/10								
SF-5 C47 00/10								
SF-9								
SF-5 C47 10/20								
SF-5 C47 20/30								
SF-5 T. 35/70								
SF-4								
SF-12								
SF-6								
SF-1								
SF-3								
SF-7								
SF-8								
MOA.D. SF5 C46 20/30								
SF-5 C47 30/40								

FASE PIUMHI - FORMAS PRINCIPAIS



	- MORFOLOGIA -															
	FORMA 1A	FORMA 1B	FORMA 1C	FORMA 2A	FORMA 2B	FORMA 3A	FORMA 4A	FORMA 4B	FORMA 4C	FORMA 4G	FORMA 6A	FORMA 6B	FORMA 7A	FORMA 7B	FORMA 11A	FORMA 11C
PIUMHI S.	37,5 -21,5	1,8	34,5				17,8	2,8	14,7	2,8			0,9		4,9	
BAMBUÍ S.	33,0 -45,5	3,3	23,8	2,2			10,2	3,3	6,7	2,2			2,2			0,6
CANASTRA S.	14,7 -34,5		17,5				25,0	9,4	3,1	3,1			3,1			
PIMENTA S.	1,1 -30,0		30,0				10,0		30,0							
PIUMHI POLIDO	10,7 -36,5	2,3	1,2	29,5			1,2	21,6	5,9	1,2	2,4		1,2		1,2	1,2
PIUMHI VERM.	2,2 -37,0		25,0				25,0		12,3							
PIUMHI ENGOB.	0,3 -99,7															
PIUMHI EST.	0,1 -		60,0						20,0	20,0						
P. PONT. UNG.	0,1 -															99,9
P. BORDA ENT.	0,03 -															99,9

QUADRO II	T. UNA		T. SAPUCAI			T. ARATU		
	X	X	X	X	X	X	X	X
DEC. BORDA		X				X	X	X
DEC. TOTAL	X	X	X	X	X			
ROD. FUSO		X	X	X	X	X	X	X
CACHIMBO			X			X	X	X
APIÇO OSSO	X	X						
CONTA OSSO	X	X						
PENDENTE ÓSSEO	X	X						X
FURADOR ÓSSEO	X							
MACHADO		X	X	X	X	X	X	X
MÃO PILÃO		X				X		
ADORNO LÍTICO	X	X	X	X	X			X

QUADRO III	UMA	MUCURI	PIUMHI	WANGUI	SAPUCAI	ITACI	JARAGUA	IBIRACI	PARAOPABA	ARATU	ITANHEM	JACARIBI	ITANAS	GACHOIRIA
COR. S. UNG.	X									XX	XX	XX	XX	
COR. S. PONT	X											XX	XX	
UNGULADO										X	X	X	X	X
PONTEADO												X	X	X
CORRUGADO	X		X	X						X	X	X	XX	
ESCOVADO	XX			X									X	
INCISO		X							X	X	X		X	
ROLETADO				X						X	XX	XX	XX	
GRAFITADO										XX	XX		XX	
VERMELHO	X	X	X	XX	XX	XX	X		XX	X	X	X	XX	
POL. ESTRIADO	XX	XX	XX		X									X

QUADRO IV	T. UNA	T. SAPUCAÍ	T. ARATU
	X	X	X
	X		X
	XX	X	XX
	X	X	XX
			X
	X		X
			XX
	XX	XX	XX
		X	XX
		X	X
	XX	XX	XX
	X	XX	XX
			X
	XX	XX	XX
	XX	XX	XX
	X	XX	XX
			X
			XX
			XX
			X